

HOMILIAS ANO B

(Três primeiras páginas)

Este livro tem 104 páginas. Para adquirir envie email para vendas@bibliapovo.com.br

INTRODUÇÃO

A HOMILIA

Homilia faz parte da celebração litúrgica, não é um anexo, muito menos um corpo estranho. Não precisa e nem pode ser separada da liturgia por uma saudação e/ou uma despedida, como um “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” O presidente da celebração não está chegando nem saindo, está continuando.

A palavra grega homilia significa conversa. O mais gostoso é quando se pode fazê-la em tom de conversa mesmo. Em qualquer hipótese, sempre deve ser uma conversa da Palavra de Deus com a vida, a realidade nossa cotidiana, que se conclui no Mistério ou celebração da Morte-Ressurreição do Senhor. Aí os três tópicos de nossas Mini-Homilias: A realidade, a Palavra, o Mistério.

A Realidade

Para acendermos uma lâmpada precisamos de dois fios: o da corrente, que traz a energia produzida na usina, e o neutro ou fio terra, que está ligado a barras de cobre bem enterradas no chão. Faltando o fio terra ou neutro, mesmo com muita energia elétrica vinda da usina, a luz não se acende. Assim também, sem ligação com a realidade nossa, a energia da Palavra de Deus cai no vazio, não produz nada, não ilumina nada.

Por isso, nossas homilias começam sempre com a Realidade. Um pequeno fato ou o comentário de uma situação real da vida de hoje pretende fazer o papel do fio terra. Quanto mais profundamente enterrado no chão o fio terra, melhor se acende a lâmpada, melhor funciona o aparelho. Quanto mais estamos ligados à realidade, melhor entendemos o Evangelho.

O que apresentamos no item Realidade é apenas uma sugestão ou uma provocação. Outro fato ou outras circunstâncias mais atuais ou mais próximas da realidade da comunidade reunida, se lembrados, podem ser mais ilustrativos e motivar melhor a leitura do Evangelho aqui e agora. O modelo é a homilia de Jesus na sinagoga de Nazaré segundo o Evangelho de Lucas: “O que acabamos de ouvir acontece hoje, aqui!”.

A Palavra

É, em geral, a parte mais extensa dos pequenos comentários. Sempre se baseia na realidade e no Evangelho. Uma vez ou outra faz a ligação, mais comumente, com a Primeira Leitura, que sempre foi escolhida para combinar com o Evangelho e é, por assim dizer, o seu comentário oficial.

Comentários breves e claros, é natural, não se podem encher de termos técnicos nem de citações de autores ou de inúmeras passagens bíblicas. Os pequenos artigos colocados ao início de cada ano podem ajudar a entender melhor o Evangelho daquele ano e, quem sabe, até o texto de um domingo.

O Mistério

A homilia perde o seu sentido se não desemboca na liturgia eucarística, se não introduz no Mistério ou Sacramento da Morte-Ressurreição do Senhor. O que celebramos é sempre a mesma coisa: a entrega que Jesus faz de si mesmo à morte maldita de cruz, que abre o caminho para a vida, a Ressurreição.

A mesma coisa todo o dia, porém, vira rotina, esvazia-se. É a Liturgia da Palavra que aponta o lado pelo qual, cada vez, celebramos com espírito diferente o mesmo gesto de Jesus na Última Ceia. A homilia deve tornar isso claro. É importante que o Ministro

pare para pensar um pouco nisso antes de cada celebração, para se tornar capaz de, na sua fala, mostrar como se celebra aqui aquela Realidade e aquela Palavra hoje.

Prevalência do Evangelho segundo Marcos e alguns textos de João

1.

MARCOS, O INVENTOR DO EVANGELHO

Antes de se escreverem os Evangelhos atuais, havia muitos escritos soltos e sem uma ordem, uma costura dos acontecimentos e das palavras de Jesus. Eram apenas registros por escrito, das coisas que os Apóstolos e outros companheiros de Jesus contavam. Marcos foi o primeiro a escrever as "Memórias dos Apóstolos" em ordem, indo de João Batista até a Ressurreição. Deu-lhe o nome de Boa Notícia ou Evangelho. Foi o primeiro.

A Comunidade apostólica

A comunidade de Marcos sabia que era uma boa notícia o fato de Jesus, aquele pobre galileu crucificado, ser a esperança da humanidade. Uma boa notícia que eles deviam levar para todo o mundo. Na época, os zelotes estavam tentando tomar o poder dos romanos. Era uma loucura, o início de uma grande desgraça.

Jesus era o começo de uma coisa nova que deveria chegar ao mundo inteiro. Por isso, Marcos deu ao seu escrito o título de Evangelho, que quer dizer "boa notícia". Mas o escrito era só um começo, a continuação é por conta da comunidade. Por isso, ele diz assim: "Início da boa notícia (ou evangelho) de Jesus o Messias, filho de Deus".

As comunidades de hoje

Será que ainda hoje a história da vida de Jesus chamada Evangelho é apenas o começo da boa notícia? Como dar continuidade? Será boa notícia esperar a salvação da humanidade de um condenado à pior das mortes? Pode-se acreditar que uma pessoa condenada pelas autoridades deste mundo tem a ver com Deus? Será que Deus vai se ligar tanto assim a um condenado? Vai colocar nele a esperança da salvação para todos? Boa Notícia por quê?

A Boa Notícia ainda não acabou de chegar. Mal começa a se espalhar. Ainda se acredita pouco no valor do pequeno e das pequenas coisas. Precisamos mostrar que a coisa é diferente. Tentam fazer de Jesus um rei potente, para esconder que ele foi um condenado pela sociedade. Precisamos dar a boa notícia de que Deus levanta aquele que o mundo derrubou. Precisamos mostrar o lado escondido, o lado de Deus.

Ainda querem que a gente esqueça os condenados do nosso mundo para aplaudir os corruptos e os arrogantes. Precisamos mostrar que os condenados à fome e à miséria clamam que está tudo errado. A Boa Notícia de que Deus está do lado deles ainda está só no começo e precisa ir em frente.

2.

FOI ASSIM MESMO OU É SÍMBOLO?

Janela

No Evangelho de Marcos encontramos muitos detalhes difíceis de explicar se os entendemos como acontecidos tais e quais. Seria possível, por exemplo, quatro pessoas, carregando um doente em uma padiola, pela escada externa subirem ao terraço e ali

abrirem um buraco para descerem a padiola com o doente? Será, também, que Maria achou que Jesus estava louco? E como é que o cego curado poderá voltar para casa sem entrar na cidade onde morava?

A comunidade apostólica

Quando o evangelista escreve as memórias dos Apóstolos, ele não está preocupado com a janela, o que aconteceu tal e qual, mas com o espelho, o que aquilo significa para a comunidade. Ele quer fazer daqueles episódios um espelho da sua realidade. Ele quer que a sua comunidade se reflita em Jesus, por isso faz de cada detalhe um símbolo daquilo que precisa dizer. Em Marcos tudo, tudo está cheio de simbolismo.

Os primeiros leitores entenderam, sem dúvida, o que significava, por exemplo, o cego que estava sentado, pedindo esmolas, à beira do caminho, jogar o manto para trás, dar um pulo e correr até onde estava Jesus e, depois seguir Jesus pelo caminho. Entenderam o significado dos quatro que carregavam a padiola com o paralisado. Entendiam que a casa é a comunidade dos discípulos e a cidade é a mentalidade e estrutura da sociedade em que viviam.

As comunidades de hoje

Nós hoje somos muito influenciados pela mentalidade do mundo científico e técnico. Perdemos o senso de humor, não sabemos apreciar histórias com sentido duplo ou triplo. Queremos sempre saber se foi assim mesmo ou não. Parece que somos todos membros de uma CPI ou somos investigadores e estamos fazendo um inquérito policial. O maior erro do fundamentalismo bíblico, diz o Documento sobre a interpretação da Bíblia na Igreja Católica, é pensar que a verdade da Bíblia é a verdade histórica científica. E Bento XVI (Verbum Domini 19) diz que a nossa curiosidade histórica põe Deus fora da Bíblia.

O Evangelho segundo Marcos deve ajudar-nos a superar essa mentalidade. Precisamos nos perguntar o que cada detalhe pode ter significado quando o Evangelho foi escrito e o que pode significar hoje. Quando queremos explicar tudo como rigorosamente histórico, esvaziamos a mensagem do Evangelho. Ficamos discutindo a placa e deixamos de seguir o caminho que ela aponta.

3.

MARCOS E OS OUTROS

Janela

Já vimos que o Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito tal como se encontra na Bíblia. Os Evangelhos segundo Mateus e segundo Lucas se parecem muito com o de Marcos, tanto que podem ser vistos juntos. Por isso os três chamam-se sinópticos. Mateus e Lucas seguem Marcos passo a passo, quase copiando. Só mudam detalhes ou trocam episódios de lugar. O quarto Evangelho ou Evangelho segundo João não seguiu Marcos tão de perto e tem diferenças maiores.

A Comunidade Apostólica

As comunidades do tempo dos Apóstolos eram diferentes umas das outras e as diferenças aparecem nos seus Evangelhos. Mateus, de uma comunidade de cristãos judeus, seguiu a mesma ordem de Marcos, mudando alguma coisa e acrescentando muitas, pois a sua comunidade precisava de uma forte catequese e de organização firme e fundamentada. Já Lucas é de uma comunidade de cristãos não judeus e queria mostrar um Jesus muito sério, mas muito amigo dos pobres, dos que eram excluídos, dos não